

Con. Brasil
17 JUN 1997

JORNAL DE BRASIL

Saudades da inflação

ALEXANDRE GARCIA

Jornalista

A pesquisa encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), mostrou, entre 2.000 pessoas, que caiu de 46% para 36% a confiança no Real. E que subiu de 11% para 19% a proporção dos que prevêem um fracasso da nossa moeda.

A inflação está em menos de 0,5% ao mês, com uma taxa anual ao redor de 6%. Ou seja, temos hoje, num ano, uma inflação menor do que tínhamos em uma semana, há três anos. A Associação Nacional de Empresas de Pesquisas fez levantamento entre 30 mil pessoas e verificou que, no último ano da inflação, 22% estavam entre os mais pobres; hoje, a faixa mais pobre cai para quase metade, com 10% migrado para duas classes mais acima, por causa da duplicação da renda familiar. A Trevisan Associados calculou que, apenas no primeiro ano do Real, 30 milhões de brasileiros deixaram de perder 16 bilhões

de dólares para a inflação.

A pesquisa da CNI mostra que aumentou a crítica ao Real entre os que têm curso primário e renda inferior a um salário mínimo. Racionalmente considerando, deve ser falta de memória ou de percepção da realidade, no pressuposto de que a pesquisa esteja correta. Porque durante os anos de inflação, não foi necessário formar a "quadriga do Robin Hood ao contrário", como disse Luís Fernando Veríssimo. Para tirar

dos pobres para dar aos ricos, bastou formar governos, que usaram a inflação como instrumento para promover essa transferência de ren-

da às avessas. Para quem tinha dinheiro aplicado, no fim do mês estavam lá, engordando o saldo, mais 43% - os mesmos 43% que tinham sido surrapiados nos últimos 30 dias, do salário dos mais pobres, que não tinham sobras para aplicar. Agora, parece que querem nos convencer de que inflação é uma coisa boa, porque não provoca desemprego, como disse há dois anos o presidente da Fiesp, num arrobo de preocupação social.

Pois agora é o presidente da CNI que diz, analisando o te-

mor do desemprego refletido na pesquisa: "O que tira empregos é a globalização". Eureka! Durante anos, política industrial no Brasil

Quem ganha com a globalização e o consumidor: produtos mais baratos, de melhor qualidade e mais diversificados

foi sinônimo de acordo entre o governo e a elite industrial para gerar favores estatais ao setor privado, com o pretexto social de aumentar a arrecadação e os empregos. Agora, a gente sabe que globalização tira poder do Estado, transferindo poder ao mercado, e gera concorrência ao empresário. Quem ganha, com a globalização, é o consumidor: produtos mais baratos, de melhor qualidade e mais diversificados. Ou será que a industrialização cabocla nos deu produtos modernos e baratos?

Foi-se o tempo da pureza ingênuas dos consumidores e contribuintes. O Cassimiro de Abreu de hoje ironizaria:

- Ai que saudades que eu tenho/ Da aurora da inflação/ Todo dinheiro que eu tenho/ Não ia pra produção/ Eu aplicava no banco/ Sem precisar trabalhar/ Dinheiro entrava no trânsito/ Sem precisar empregar.